

A VIOLÊNCIA E A DECADÊNCIA EM *LEITE DERRAMADO*

Cristiane da Silva Alves*

RESUMO: *O presente ensaio busca analisar Leite Derramado, de Chico Buarque, focando as transformações da cidade do Rio de Janeiro e da aristocracia brasileira, estabelecendo relações entre a cidade e o narrador, Eulálio, e analisando a violência e a decadência na história de ambos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Leite Derramado — memória — cidade*

ABSTRACT: *This work aims at analyzing Leite Derramado, by Chico Buarque, focusing on the transformation of Rio de Janeiro city and of Brazilian aristocracy, establishing relations between city and the narrator, Eulálio, and analyzing the violence and the decadence into their history.*

KEYWORDS: *Leite Derramado — memory — city*

INTRODUÇÃO

Leite Derramado, quarto romance do compositor, cantor e escritor Chico Buarque, lançado em 2009, oferece a sua contribuição para a galeria dos personagens/narradores que se dedicam a rememorar o passado e contar, a qualquer um que se disponha a ouvir, as suas aventuras e desventuras. Misturando o olhar ciumento e obsessivo de Bentinho, de *Dom Casmurro*, e a narrativa vacilante e fora de ordem de Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, Eulálio é um narrador rabugento, cínico – e em vários momentos hilário – no alto dos seus 100 anos, e que após sofrer uma fratura acaba internado, contra a sua vontade, sem poder se ocupar de outros assuntos, que não a própria história. O narrador em questão está em ruínas, como as velhas construções, e, como um antigo casarão prestes a desabar, não há lugar para ele no novo espaço urbano, na nova metrópole que se descortina à sua frente, cercada de edifícios de apartamentos, nos quais lhe parecia até mesmo “promíscuo” estabelecer moradia. Ele, Eulálio Montenegro d’Assumpção, pertence ao passado de luxos e glórias, da cidade dominada pela opulência das mansões e das elites, com seus títulos, jóias e serviços, um Rio de Janeiro que já não existe, senão em suas memórias. Nostálgico, velho, moribundo e amargo, Eulálio experimenta a dupla decadência: sua e da cidade de seus áureos tempos. Em sua narrativa, cujas lembranças são temperadas com doses e mais doses de morfina, o espaço/tempo presente se mistura à memória, amalgamando a modernidade caótica, barulhenta e sem *glamour*, ao passado fulgurante que ele recorda,

* Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – E-mail: cristianesalves@gmail.com

saudosista e inconformado, com todo o esplendor dos casarões coloniais, das casas de fazenda, da louça fina e das maneiras afetadas da aristocracia brasileira, acostumada a colóquios em francês, regados a um bom *borgonha* servido pelos pretos da casa.

A decadência de Eulálio é paralela a da cidade que, ao menos do seu ponto de vista, passara dos dias de glória à agonia. Enquanto das suas reminiscências emerge o Rio de Janeiro das elites, dos poderosos parasitas que se regalavam às expensas dos escravos e dos menos favorecidos, apoiados em brasões, sobrenomes e influências, a cidade que ora o abriga, em um cômodo nos arrabaldes ou em um leito no hospital público, é o Rio de Janeiro dos aristocratas decadentes, dos novos ricos, dos pobres, mendigos, vagabundos, travestis e prostitutas, convivendo sob o mesmo sol e admirando o mesmo mar. A cidade que conheceu, na qual cresceu, amou, riu e chorou, a sua “cidade maravilhosa, cheia de encantos mil”, há muito se perdeu; ele, agonizante, senil, está igualmente se perdendo, em vias de morrer. A única maneira de reter o fio que ainda o mantém atado à vida é contar e recontar a própria história, em uma tentativa de resgatar e manter a si mesmo, como se os liames da memória pudessem reconstituir e preservar o tênue fio da existência. Na sua narrativa, homem e cidade são um só. A mesma decrepitude e ruína que lhe tomaram, impiedosamente, a beleza e o viço, estenderam-se para o Rio de Janeiro e tomaram-lhe os encantos, perdidos para sempre em meio ao progresso e às construções, que avançam dia a dia, tal como avançam a sua senilidade e amargura, tornando-o incapaz de sentir-se à vontade com as transformações à sua volta, que desfiguram a sua vida e a sua urbe.

Como forma de fugir ao presente incômodo e hostil, Eulálio refugia-se no tempo de glórias, outrora belo, jovem e cercado de luxo. O regresso ao passado, todavia, não lhe causa menos sofrimento, porque traz à tona Matilde, a jovem e “afogueada” esposa, para sempre desaparecida de sua vida. “Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida”. (BUARQUE, 2009, p. 10). Enquanto o impertinente narrador remexe seu passado e suas feridas, somos conduzidos a um mergulho não apenas em sua história, mas à própria história do Brasil e do Rio de Janeiro, com suas transformações e suas mazelas, em meio a nobres e plebeus, elites e mendigos, todos irremediavelmente afetados pela sanha do progresso e do avanço urbano.

UM PASSEIO PELA MEMÓRIA

Eulálio Montenegro d’Assumpção, viúvo, nascido aos 16 de junho de 1907, descendente de outros Eulálios, afortunados e bem-nascidos, através das suas lembranças, contando a própria história e a saga de sua família, envolve-nos em um passeio histórico pela cidade do Rio de Janeiro, permitindo-nos apreciar não apenas as afamadas belezas exóticas e tropicais da cidade, mas também as transformações (para o bem ou para o mal) ocorridas ao longo do tempo. Em uma tentativa de preservar a própria história e o que resta da sua dignidade, o centenário, moribundo e rabugento narrador

mergulha em um verdadeiro baú de memórias, a partir do qual tenta reconstruir e resguardar a história da família Assumpção, trazendo à tona o pai Senador, o avô figurão do império, o trisavô general e tantas personagens quanto lhe permitam suas recordações, amortizadas por generosas doses de morfina que não diminuem, todavia, a agonia constante pela perda da mulher, que precocemente saiu de sua vida, deixando-lhe uma filha e muitas lembranças. “É inútil me entupir de remédios, bobagem continuar deitado nesta cama, sem minha mulher não sei dormir” (ibid., p. 107).

Eulálio, como tomamos conhecimento ao longo da narrativa, é descendente da aristocracia brasileira, outrora influente, abastada e dominante, cujos membros viviam à larga, cercados de escravos, mucamas, ou serviçais, nas extensas fazendas ou nos luxuosos salões, bem nascidos e bem vestidos, deslocando-se em carruagens ou vapores. A opulência ou posição da família Assumpção, entretanto, não duraria para sempre e, juntamente com as mudanças da cidade, nosso narrador permite-nos acompanhar as transformações da própria família, cujos herdeiros vão, pouco a pouco, perdendo o *status*, a *finesse* e a fortuna, até que ele, descendente do “célebre general Assumpção”, filho do “político mais influente da Primeira República”, chega aos cem anos em profunda decadência, física, financeira e moral, mal arranjado em um leito de hospital público, “um verdadeiro purgatório, com um monte de gente estropiada pelo chão, fora os vagabundos que vêm ali a fim de ver desgraça” (BUARQUE, 2009, p. 23), cercado de estranhos que não possuem o menor conhecimento ou interesse acerca da existência e/ou importância dos Assumpção.

Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz idéia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. Mal posso pagar pelos meus cigarros, nem tenho trajes apropriados para sair de casa (ibid., p. 50).

Ao tentar recuperar a própria história, o narrador traz à tona e apresenta ao leitor o Rio de Janeiro da sua infância, com todas as marcas do “país tropical, de herança colonial e escravista, com uma imensa população pobre e mestiça” (PESAVENTO, 1999, p. 161), que dividia espaço e contrastava, naturalmente, com uma minoria aristocrática e elitista, a quem o modelo europeu acenava como utopia em termos de atitude, circulação, identidade e sociabilidade. Com efeito, a família de Eulálio, conforme ele descreve, nos dá uma mostra dos hábitos europeus, especialmente afrancesados, que as elites esforçavam-se por ostentar, a fim de marcar, explicitamente, sua distinção em relação aos “outros”, de classes populares. Sua residência, suas maneiras, suas vestes, tudo era combinado para salientar a divisão social de classes.

[no casarão em Botafogo] há quartos enormes, banheiros de mármore com bidê, vários salões com espelhos venezianos, estátuas, pé-direito monumental e telhas de ardósia importadas da França. Há palmeiras, abacateiros e amendoeiras no jardim... (BUARQUE, 2009, p. 6)

Lá em casa como em todas as boas casas, na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês... (ibid., p. 7)

Mulheres mais abonadas faziam como mamãe, que todo ano acompanhava meu pai à Europa e trazia vestuário para as quatro estações. (ibid., p. 83)

A cidade da qual Eulálio recorda-se saudoso, o “seu” Rio de Janeiro esplendoroso, luxuoso, “parisiense”, orgulho das elites, a exemplo de outras metrópoles, formava-se calcado na destruição, na exclusão e no distanciamento, erigindo chalés e palacetes, em meio a ruas amplas e iluminadas, que se abriam à custa da eliminação dos becos e cortiços. Toda a magnificência da “cidade-maravilha” sustentava-se no cerceamento, no afastamento da população pobre para longe do centro, rumo à marginalização, impedidos de circularem livremente, para não “contaminar”, com a feiúra da miséria, da ignorância e indumentária grosseira, o belo e imponente Rio de Janeiro que se erguia, nos moldes das melhores e mais modernas cidades européias. Tudo e todos que não fossem belos, finos e elegantes – preferencialmente educados e vestidos “à francesa” – varriam-se para longe, descartava-se para outras paragens, onde a vista, o olfato e a audição não alcançassem, para não vislumbrar nenhum traço que pudesse identificar a cidade como suja ou atrasada. Sandra Pesavento afirma, nesse sentido, que

[o] conjunto das intervenções urbanísticas não se resumiu ao traçado da cidade, mas pretendeu penetrar fundo nas socialidades e valores do povo. Assim, a uma deliberada atitude de expulsão dos pobres do centro da cidade, motivada pela demolição dos cortiços e destruição de antigas ruas, seguiram-se proibições de hábitos e costumes populares, numa verdadeira arremetida disciplinatória: cães vadios, vacas, mendigos, pessoas descalças ou sem paletó são impedidos de circular livremente pela cidade, como até então faziam. Além disso, ordena-se a destruição dos quiosques, por serem redutos de socialidades condenáveis. Regulamenta-se a construção de prédios, e, com as demolições, segue-se a valorização do solo, a especulação com os terrenos e a conseqüente crise de moradia para a população pobre. Buscava-se eliminar da vista a pobreza, que, por convicção da elite, era suja e perigosa. Se o centro era o cartão de visitas, as camadas populares, desalojadas, deveriam ir para os subúrbios – para onde se estendia a rede dos transportes públicos – ou para as favelas, já existentes desde 1897. (PESAVENTO, 1999, p. 176)

A cidade utópica das elites, a urbe moderna, asseada e majestosa, com suas construções imponentes, não poderia coexistir com a cidade real, povoada pela grande massa de pobres, com suas habitações grosseiras, sujas, infectas, com seus costumes

atrasados, desprovidos, muitas vezes, de ar, de água, de luz, sem educação, com pouca ou nenhuma higiene, feios e macambúzios, de indumentárias, preferências e opiniões tão chocantemente diversas da aristocracia elegante, bem nascida e bem formada. Era preciso, pois, enxotar o povo, amontoar as massas nos confins mais longínquos, onde não obstassem o passeio e a contemplação de *messieurs*, *mesdames* e *mademoiselles*. Todo o “outro” Rio de Janeiro que fora ocultado, varrido para longe do “Rio-maravilha”, entretanto, irá avançar por entre a cidade, até emergir diante do leitor através da narrativa de Eulálio, que, juntamente com a filha, após decair financeira e socialmente, acaba sendo arrastado para junto da massa, justamente aqueles que a aristocracia da qual ele orgulhosamente provinha havia condenado à marginalização e ao degrado.

[...] ao nosso redor a cidade agora não acabava mais, grassavam casebres de alvenaria crua e sem telhado, onde antes havia clubes campestres e chácaras aprazíveis. Perplexa, Maria Eulália olhava aqueles homens de calção à beira da estrada, as meninas grávidas ostentando as panças, os moleques que atravessavam a pista correndo atrás de uma bola. São os pobres, expliquei [...] (BUARQUE, 2009, p. 177).

O ranço elitista de Eulálio, contudo, permanece fortemente arraigado aos seus modos e ao seu discurso, como bem se pode notar:

Mesmo vivendo em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desclassificada, na rua mais barulhenta de uma cidade-dormitório, mesmo vivendo nas condições de um hindu sem casta, em momento algum perdi a linha. Usava pijamas sedosos com o monograma do meu pai, e não dispensava um roupão de veludo para caminhar até o alpendre no quintal, onde fazia a minha higiene num banheiro com paredes chapiscadas e chão de cimento. Eram trabalhosos os meus banhos, pois à guisa de chuveiro havia um cano caprichoso, que ora pingava água a conta-gotas ora soltava em jatos sobre a latrina. [...] Debaixo de um filete de água, eu me transportava ao nosso banheiro do chalé, sonhava com seu chuveiro copioso. Diante de uma parede sem emboço, eu sonhava com cavalos-marinhos nos azulejos, com as louças inglesas do nosso antigo banheiro [...] (BUARQUE, 2009, p. 137).

Incapaz de aceitar as próprias mazelas e, principalmente, incapaz de aceitar aqueles que ora o abrigam como iguais, ainda que decadente, sem posses e sem recursos, ele continua a se portar como o descendente da aristocracia, distinto e voluntarioso, com todos os hábitos e melindres dos que se julgam superiores, sonhando com o passado outrora glorioso e abastado.

PAIXÃO, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Ao longo da narrativa confusa, inconformada e recheada de saudades, em que o centenário narrador retrata a “cidade-maravilha”, objeto de nostalgia e encantamento, ele igualmente apresenta ao leitor a paixão de sua mocidade, a jovem, bela e sensual Matilde, cuja perda o atormentaria para sempre. À primeira leitura, compadecidos e embalados pelo discurso aparentemente saudosista e amoroso, é fácil sensibilizarmo-nos e não notarmos aquilo que se oculta por detrás da narrativa de Eulálio: o preconceito e a violência que nortearam a sua relação com a supostamente “sempre-amada” esposa, em meio ao ciúme, à obsessão e à paixão destrutiva e egoísta, marcada pela incapacidade de aceitar e respeitar a individualidade da mulher.

Da mesma forma que a renovação e a magnificência do Rio de Janeiro, a exemplo de outras cidades, sustentaram-se na supressão das camadas populares e tudo aquilo que lhes dissesse respeito, o casamento de Eulálio calcara-se na tentativa de apagamento e/ou renovação de Matilde e seus “maus hábitos”. Em que pese o seu proclamado amor por ela, todo o seu comportamento era em função de neutralizar os vestígios “ordinários” da esposa, que lhe incomodavam, afrontavam, e compeliavam-no à brutalidade, tolhendo, castigando, impedindo-a de expressar-se com liberdade, fosse nas maneiras, fosse no falar e no vestir. Até mesmo a alegria de Matilde o irritava, enraivecia-o, senão vejamos:

[...] ela estava tão ansiosa que se aprontou antes de mim, ficou na porta me esperando em pé. Parecia empinada na ponta dos pés, com os sapatos de salto, e estava muito corada ou com ruge demais. E quando vi sua mãe naquele estado, falei, você não vai. Por quê, ela perguntou com voz fina, e não lhe dei satisfação, peguei meu chapéu e saí. Nem parei para pensar de onde vinha a minha raiva repentina, só senti que era alaranjada a raiva cega que tive da alegria dela. (ibid., p. 12)

Embora se afirme apaixonado e eternamente inconformado com a perda da mulher, podemos perceber em seu discurso a dominação e a violência típicas do patriarcalismo e do machismo reinantes entre os “sinhozinhos” acostumados ao mando e à imposição. Eulálio deseja Matilde, não há dúvida; seu desejo, contudo, é o desejo sexual, e não amoroso, e guarda, além disso, o sadismo típico dos herdeiros do patriarcalismo descrito por Gilberto Freyre¹, conforme é possível verificar em várias passagens do livro, dentre as quais destaco, inicialmente, aquela que relembra seu encontro na igreja da Candelária: “[...] em plena igreja me deu vontade de conhecer sua quentura. Imaginei abraçá-la de surpresa, para ela pulsar e se debater contra o meu peito, seria como abafar nas mãos o passarinho que capturei na infância” (BUARQUE, 2009, p. 21). Tal e qual os meninos descritos por

¹ Refiro-me, especialmente, a *Casa Grande & Senzala* que apresenta, no 2º tomo, o comportamento dos filhos de senhores de engenho, ou mesmo meninos das cidades, mimados e corrompidos, acostumados a toda a sorte de judiarias com “os muleques e as negrinhas”, suas principais vítimas. Além dos maus tratos empregados com os “companheiros”, Freyre descreve, igualmente, a crueldade daqueles pequenos “sinhozinhos”, armados de faca ainda na tenra idade, que se regozijavam em perseguir e sacrificar pequenos animais (cf. FREYRE, 1966, p. 513 e ss.).

Freyre, Eulálio demonstra o desejo sádico, perverso, que não se filia à ternura amorosa, mas sim à posse, à captura, não para acarinhar, mas para aprisionar, “abafar” como a um passarinho. Embora posteriormente tome Matilde por esposa, no seu íntimo é como se houvesse adquirido a posse e propriedade de uma escrava, que deveria moldar-se, adequar-se, de forma a satisfazer seu “amo e senhor”. A relação de ambos, desde o início, é marcada pela submissão e entrega da “cativa”, que contrasta explicitamente com a “superioridade” e brutalidade do “sinhô” mimado, caprichoso, dominador e onipotente.

A um palmo de distância dela, eu era o maior homem do mundo, eu era o Sol. Via seus lábios se entreabrirem, e acima deles brotavam umas gotículas de suor, enquanto suas pálpebras devagar cediam. Enfim eu me jogava contra o corpo dela, pressionava o corpo dela contra a parede da cozinha, sem contatos de pele, e sem avanços de mãos ou de pernas, por algum acordo jamais expresso. Com meu tronco eu a esmagava, quase, até que ela dizia eu vou, Eulálio, e seu corpo tremia inteiro, levando o meu a tremer junto. (ibid., p. 46)

O fato de Matilde gozar de espontaneidade, alegria e, principalmente, um despojamento tal que não condizia com a “fina flor” da sociedade carioca, representava, certamente, um embaraço para Eulálio que, incapaz de compreender e aceitar a esposa, freqüentemente tentava diminuí-la, ora rindo dos seus modos e do seu francês “tatibitate”, ora chegando às raias da brutalidade, esta surpreendida diversas vezes ao longo do romance, ainda que mascarada sob a forma do discurso saudosista e apaixonado. A violência e a prepotência na sua relação com a esposa são comparáveis às práticas empregadas pela sociedade, à época, para revitalizar a cidade, inibindo, oprimindo, sufocando qualquer “saimento” que destoasse dos delírios europeizantes das elites e das autoridades interessadas no “progresso” do Rio de Janeiro, ainda que em detrimento dos costumes e da vontade das camadas “inferiores” da população.

[...] as manifestações da cultura do povo e as sociabilidades presentes junto às camadas subalternas são identificadas como sinônimos de atraso. Suas práticas sociais serão condenadas, enquanto hábitos e costumes, assim como serão igualmente condenados os espaços que os pobres freqüentam (botequins, quiosques) ou os prédios onde moram (cortiços, casas de cômodos). Há uma curiosa operação de “limpeza” da memória social, varrendo-se tudo aquilo que possa evocar o “popular” e o “antigo”, que é preciso superar. (PESAVENTO, 1999, p. 169)

Com efeito, não é difícil perceber no discurso de Eulálio a condenação dos costumes “populares” da esposa, que, desde o início, eram observados com estranhamento.

Ainda éramos namorados no dia em que ela se sentou ao Pleyel de minha mãe, e me preparei para escutar alguma peça de Mozart, compositor que ela cantara, ou fingira cantar, na missa de sétimo dia de meu pai. Mas com mão pesada, ela tocou

um batuque chamado Macumba Gegê, vá saber onde aprendeu aquilo. (BUARQUE, 2009, p. 45)

Com o passar do tempo, o que era mero estranhamento começa a dar lugar à vergonha e ao desprezo, verificáveis, especialmente, na ocasião em que o francês Dubosc, interessado no “magnífico ritmo dos negros”, o maxixe, pede ao casal que dançam para ele. Eulálio, como bom descendente da aristocracia, acostumado apenas aos ritmos refinados, sabia dançar apenas a valsa, mas oferece, cordialmente, a esposa, para satisfação do amigo e espanto seu, ante a desenvoltura e naturalidade com que ela se movimenta.

Era uma coreografia precisa, e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos. O casal se entendia à perfeição, mas logo distingi o que nele foi ensinado do que era nela natural. [...] Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição. Todavia, olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. [...] a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. (ibid., p. 65-66).

O incômodo com a dança “vulgar” não apenas persiste, como se agrava com o tempo, chegando à beira do insuportável, levando Eulálio a exibir todo o seu preconceito e ranço elitista, como ele mesmo noticia, relatando a sua reação ao encontrar a esposa dançando alegremente com o negro Balbino, ocasião em que, entre enciumado, nauseado e sem controle, parte para cima da vitrola com a qual Matilde se deleitava ouvindo maxixes, sambas e outras “músicas de gente desclassificada”, e destrói o objeto, como se pudesse, com aquele gesto, apagar para sempre a cultura popular e sua “dança nojenta”.

A porta da casa estava escancarada, e na sala deparei com Matilde de maiô, dançando com o preto Balbino. Sim, o preto Balbino, eu não acreditei, mas era ele. Não reagiram ao me ver, os dois continuaram a dançar e a me olhar e a sorrir como se nada fosse. Balbino vestia uma calça roxa muito justa, sua bunda maior que a da irmã, e ver minha mulher nos braços daquele crioulo foi para mim a pior infâmia. Ele dançava rebolando a bunda, ela ria que se ria, e o cantor com voz de maricas cantava: daí então dar-te eu irei o beijo puro na catedral do amor. A cena foi ficando insuportável, os dois não queriam parar com aquela dança nojenta, então dei um pontapé na vitrola de Matilde. O disco voou, partiu-se em cacos no chão, voaram também o prato e o braço da vitrola. Matilde me olhou atônita, Balbino correu com passos curtos... (ibid., p. 115-116)

Conforme se pode observar, o desconforto ou estranhamento inicial que Matilde despertava no marido não se resolve; ao contrário, aumenta com o tempo, transforma-se em vergonha, em sentimento de ultraje, até que acaba por despertar uma raiva cega e incontida, que desencadeia, como já se verificou, a aversão e a brutalidade. O ressentimento e a inconformidade de Eulálio residem, principalmente, na autenticidade e na naturalidade com

que Matilde exhibe aquilo que ele esforçava-se por ocultar: a origem “inferior” da esposa, distante dos hábitos refinados de que sua mãe – e ele próprio – tanto se orgulhava. Enquanto ele, branco e “superior”, provinha da família austera, tradicional, acostumada a roupas sóbrias, freqüentadora dos grandes salões e apreciadora de músicas clássicas, Matilde, “a mais moreninha de sete irmãs...” (BUARQUE, 2009, p. 29), que era fruto de uma “aventura do deputado lá para as bandas da Bahia” (ibid., p. 73), usava roupas coloridas e sensuais, apreciava músicas populares e, não obstante, era *habitué* da cozinha, fato que encoleriza o esposo e desencadeia aquela que é, possivelmente, uma das cenas de maior violência no livro, senão vejamos:

Ela [...] tinha mania de ir para a cozinha. Volta e meia levava a criança para a cozinha, dava conversa às empregadas, era vezeira em almoçar ali com a babá. Então me vi tomado de um sentimento obscuro, entre a vergonha e a raiva de gostar de uma mulher que vive na cozinha. Eu seguia Matilde, que falava sozinha, que meio cantarolando perguntava pelo chá de boldo, e de repente não sei o que me deu, agarrei-a com violência pelas costas. Joguei-a contra a parede e ela não entendeu, começou a emitir gemidos nasais, o rosto achatado nos ladrilhos. Prendi seus punhos na parede, ela se debatia, mas eu a controlava com meus joelhos atrás dos seus. E com meu tronco eu a apertava, eu a espremia a valer, eu quase a esmagava na parede [...] (ibid., p. 66-67).

O discurso de Eulálio permite-nos entrever não o marido saudoso e eternamente enamorado, mas, sim, o homem tirano, cruel, que recorda minuciosamente – e sem indícios de remorso – a relação martirizante a que submetia Matilde, contra quem empregava os mais diversos meios e abusos, apelando, inclusive, para a violência física, na constante tentativa de aniquilar sua origem e seus costumes, em nome da arrogância e da estupidez classista, preconceituosa e egocêntrica, a mesma com que seus pares, sem qualquer constrangimento, decidiam o destino das massas, ora podando, controlando, determinando a moda e os modos, ora expulsando, segregando, impedindo de partilhar das ruas e dos bairros “nobres”. A brutalidade que diagnosticamos em Eulálio, para além da selvageria do homem ciumento, cego de paixão, é a violência de toda uma classe, tomada pela vaidade, incapaz de perceber o “outro”, o “diferente”, como um ser humano digno de respeito e portador de vontade. É assim, com a mesma força assoladora com que as autoridades, em nome do progresso elitista e desvairado, eliminavam bairros inteiros, que ele acabará por arrasar a vida da outrora alegre, fogosa e bela Matilde, que, pouco a pouco, vai se deixando tolher, esmagar, até ser vencida por completo, entregando-se ao recolhimento doentio.

Matilde vivia sempre mais reclusa naquele quarto lateral do chalé, na verdade um quarto de despejo com bugigangas várias e um velho divã, onde talvez se estendesse catatônicas horas a fio. Não tinha horário para as refeições, esquentava ela mesma seu prato e comia na cozinha sem falar com ninguém (ibid., p. 133-134).

Seu destino, definindo no esplendor da juventude, é tão brutal e difícil de aceitar, que o próprio Eulálio é incapaz de proferir com exatidão aquilo que verdadeiramente teria acontecido, o que estaria por trás do desaparecimento da esposa, curiosidade que há de permanecer em suspenso, mesmo para aqueles que saborearem o livro até o fim, restando o leitor entre confuso e insatisfeito, sem que nenhuma resposta conclusiva lhe acene, ante as várias e diferentes versões que se apresentam no decorrer do texto. Leyla Perrone-Moisés (2009, p. 1), em uma das muitas críticas acerca do romance, resume as diferentes versões oferecidas pelo narrador, que são cinco, ao todo, conforme ela assim descreve:

As cinco versões do sumiço de Matilde são as seguintes: morte de parto; morte em desastre de automóvel na antiga Rio-Petrópolis; morte por afogamento; fuga para a França com o engenheiro francês; morte por tuberculose num sanatório. As três primeiras versões são contadas à filha, segundo o próprio narrador, como “mentiras piedosas”. A fuga para a França narrada toda no condicional, é claramente reconhecida como imaginação de um ciumento. A última parece ser a verdadeira, porque quando ela é contada à filha o narrador usa o verbo “revelar”: “revelei-lhe que...”. Mas, depois de tantas versões falsas, esta também fica sujeita a dúvida para o leitor. Ainda mais que Eulálio nunca abriu a carta do médico que narrava a doença.

Leyla ainda ressalta que “qualquer que tenha sido o fim de Matilde, ela foi uma vítima”, e, após uma leitura mais atenta, analisando as entrelinhas da narrativa, não é difícil fazermos coro com a sua afirmativa. A jovem, faceira e voluptuosa Matilde, a exemplo de outras mulheres/personagens, acaba por perecer, vítima da incompreensão de mais um entre os tantos ciumentos, tiranos e prepotentes personagens que recheiam a nossa literatura e a nossa história, desconfiando, enclausurando e sacrificando, em meio a abusos e equívocos, bem descritos por Machado de Assis, Graciliano Ramos e tantos outros afamados autores.

CONCLUSÃO

Rememorar e contar significa reconstruir, reerguer, tijolo a tijolo, fragmento a fragmento, a beleza e o esplendor, ou ainda, o declínio de uma vida, de uma história, de uma cidade. Reconstruir é, igualmente, remexer escombros e descobrir fantasmas. Nesse processo de escavar, remexer e revolver que abarca a memória e a história, não raras vezes, vem à tona detalhes, eventos, cenas e pessoas que, intencionalmente ou não, haviam sido esquecidos, encobertos ou sequer percebidos, e que, num átimo, deixam os lugares obscuros nos quais permaneceram, excluídos de nossa existência e de nossos pensamentos. Basta um segundo, ou ainda, uma fração de segundo, para que tomemos conhecimento, para que surja em nossa mente o desconhecido, o escondido ou reprimido que, por um meneio da memória, deixa a obscuridade a que estava relegado e toma corpo, toma lugar

em nossas vidas e em nossas histórias, alterando-as ou, simplesmente, esclarecendo-as. Assim como faz parte do nosso processo de amadurecimento não só o aprender e conhecer, mas também o esquecer ou ocultar, com o crescimento e o progresso das cidades não é diferente. Nem tudo permanece exposto, à mostra; nem tudo está ao alcance da visão. Há fatos, eventos e pessoas que, em nome do desenvolvimento, são excluídos, afastados, deslocados para outros espaços, onde permanecem desconhecidos e ignorados, até o dia em que, tal como ocorre com a memória, emergem e reivindicam o seu lugar. Assim teria acontecido, ao longo dos anos, com o Rio de Janeiro e outras cidades; igualmente, aconteceria com a figura de Matilde, a sempre lembrada paixão juvenil de Eulálio.

Enquanto o centenário e moribundo narrador de *Leite Derramado* se esforça por reter fatos, eventos, pessoas e lugares que povoaram o seu passado, ele traz à tona a dupla face da história – sua e da cidade – na qual coexistem a beleza, a paixão e o fulgor juntamente com a feiúra, a tristeza, a violência e a decadência. Através das lembranças de Eulálio, que reconstitui o “Rio-maravilha” em toda a sua opulência, é possível entrever, igualmente, o Rio de Janeiro do atraso, da miséria e da degradação, uma cidade na qual os governantes, longe de solucionar as mazelas do povo, ocultavam, encobriam, afastando para longe da vista quaisquer traços de inferioridade ou pessoas que representassem de alguma forma um entrave ao progresso, ao avanço e ao conforto das classes dominantes.

Paralela à violência com que a “cidade maravilhosa” se erguia, contemplamos a brutalidade com que se desenvolvia a relação afetiva de nosso narrador, igualmente ocultando, cerceando, coibindo quaisquer modos ou maneiras da esposa que pudessem envergonhá-lo, incomodá-lo ou simplesmente confrontá-lo com os já estabelecidos padrões da sua classe “superior”. Tal como a elite e as autoridades empurravam a população humilde para espaços cada vez mais afastados, Eulálio, no afã de guardar as aparências da classe nobre, bem nascida e sem máculas, empurrava, dia a dia, a sua “sempre amada” Matilde rumo ao apagamento, até perdê-la por completo, um triste final para a jovem alegre e sensual, cujos únicos “pecados” consistiam em ser espontânea demais e menos branca e educada do que desejariam o marido e a sogra. Seu desaparecimento sem explicação dá ao leitor, em certa medida, a desagradável sensação de plebe vencida, sufocada pela aristocracia triunfante, final contornado, em parte, por Chico Buarque que, com ironia e humor, “castiga” a elite, representada por Eulálio, através de sua decadência econômica e moral; o bem nascido descendente de nobres e políticos influentes, com “seu outrora belo rosto” (BUARQUE, 2009, p. 195), ao final da vida é reduzido a nada mais que um velho decrepito, “sem lenço e sem documento”, esperando a morte chegar sem ter sequer um jazigo decente a sua espera.

[Eu] tinha uma gaveta reservada para quando Deus me chamasse. Mas da última vez que fui ao cemitério São João Batista, no lugar do jazigo dos Assumpção encontrei um monstro de mármore lilás, habitado por um defunto com nome

de turco. Foi crueldade da minha filha, se ela vendesse o nosso apartamento em vez da sepultura, eu me acharia menos desalojado (ibid., p. 170).

O desfecho, entretanto, está longe de ser o final feliz da massa vingada. Afinal, a decadência espalhada ao longo das quase duzentas páginas do romance não é apenas o declínio do narrador elitista e preconceituoso, ou mesmo da “cidade-maravilha”, cintilante e excludente. A decadência, que é geral e assombrosa, atinge as autoridades, a religião, a política, os hospitais, a televisão, os grandes centros e as periferias, afetando as elites, devastando os menos favorecidos, alastrando-se, enfim, pelo país inteiro. Ao fim e ao cabo, a história de Eulálio – a história de Chico – é o retrato do Brasil derramado, corrompido e agonizante.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. 2º tomo.
- _____. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. O Leite Derramado de Matilde. Disponível em <http://www2.uol.com.br/tropico/> Publicado em 26/04/2009. Acesso em 11 de fevereiro de 2010.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.